

APRENDER A PESCAR: COMUNIDADES DE PRÁTICAS NA PESCA RIBEIRINHA AMAZÔNICA

Rônisson de Souza de Oliveira



Universidade Estadual de Campinas

Nelissa Peralta



Universidade Federal do Pará/Facis

José Cândido Lopes Ferreira



Universidade Estadual de Campinas

submissão: 02/09/2020 | aprovação: 04/05/2022

RESUMO

A pesca é uma das atividades fundamentais do modo de vida de populações rurais da Amazônia. Neste artigo discutimos a aprendizagem e reprodução de práticas de pesca em comunidades ribeirinhas da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã (RDSA), Amazonas, Brasil. A discussão partiu de uma etnografia do processo de aprendizagem que leva o sujeito a ‘ser pescador’. Esse processo inclui experiências com a atividade na infância, o desenvolvimento das habilidades para ‘tomar conta da própria canoa’ e as formas de reprodução do conhecimento nos ambientes de pesca. O manejo participativo de pirarucu, iniciado há 20 anos na região, exigiu o desenvolvimento de novas habilidades relacionadas ao trabalho de organização coletiva para gestão dos recursos pesqueiros. Aqueles pescadores que antes não sabiam arpoar pirarucus, aprenderam a manipular o arpão a partir do engajamento nas atividades de manejo. O trabalho na pesca produz o território ribeirinho. O engajamento dos sujeitos nas práticas de pesca é um processo que produz corpos, identidades e paisagem. São processos que continuam a se reproduzir porque a existência e o acesso ao território permitem a construção das ‘disposições para ação’ ou das ‘capacidades afetivas’ em ciclos de aprendizagem em comunidades de práticas.

Palavras-chave: Amazônia; aprendizagem situada; corpo; pesca artesanal; ribeirinhos; técnica.

**LEARNING TO FISH: COMMUNITIES OF PRACTICE IN
AMAZONIAN RIVERINE FISHING**

ABSTRACT

Fishing is an essential activity to rural livelihoods in the Amazon. This article discusses the learning and reproduction of fishing practices in riverside communities of the Amanã Sustainable Development Reserve (RDSA), Amazonas, Brazil. The study was based on ethnographic research on learning fishing practices that, ultimately, enable the person ‘to become a fisherman’. Those processes include fishing experiences during childhood, the development of skills that enable them to ‘take care of their own canoe’, and the ways of reproducing knowledge in fishing environments. Furthermore, we discuss how the participatory management of pirarucu, an activity that started 20 years ago in the region, required the development of new skills of collective organization of labor for the management of fishery resources. Fishermen, who previously did not know how to harpoon pirarucus, learned it by engaging in management activities. Working in fishing produces riverine territoriality. The engagement of subjects in fishing practices is a process that produces bodies, identities and landscapes. These are processes that continue to reproduce themselves due to the existence of and access to the territory, which allows for the construction of ‘dispositions for action’ or ‘affective capabilities’ in learning cycles in communities of practice.

Keywords: Amazon; Situated learning; body; artisanal fishing; riverine peoples; technique.

**APRENDER A PESCAR: COMUNIDADES DE PRÁTICA
EN LA PESCA RIBEREÑA EN LA AMAZONÍA**

RESUMEN

La pesca es una de las actividades de subsistencia fundamentales de las poblaciones rurales de la Amazonía. En este artículo se discute el aprendizaje y la reproducción de las prácticas de pesca en las comunidades ribereñas de la Reserva de Desarrollo Sostenible de Amanã (RDSA), Amazonas, Brasil. El debate partió de una etnografía del proceso de aprendizaje que lleva al sujeto a “ser pescador”. Este proceso incluye las experiencias con la actividad en la infancia, el desarrollo de habilidades para “cuidar la propia canoa” y las formas en que se reproducen los conocimientos en los entornos de pesca. La gestión participativa del pirarucu, que se inició hace 20 años en la región, exigió el desarrollo de nuevas competencias relacionadas con el trabajo de organización colectiva para la gestión de los recursos pesqueros. Los pescadores que no sabían cómo arponear pirarucus antes, aprendieron a manipular el arpón gracias a la participación en las actividades de gestión. El trabajo en la pesca produce el territorio ribereño. El compromiso de los sujetos en las prácticas de pesca es un proceso que produce cuerpos, identidades y paisaje. Son procesos que se siguen reproduciendo porque la existencia y el acceso al territorio permite la construcción de “disposiciones para la acción” o “capacidades afectivas” en ciclos de aprendizaje en comunidades de práctica.

Palabras clave: Amazonía; aprendizaje situado; cuerpo; la pesca artesanal; ribereños; técnica.

1. INTRODUÇÃO

A pesca é uma das atividades fundamentais ao modo de vida de populações rurais da Amazônia. Embora tenha uma pluralidade de significados (Braga et al. 2017), entendemos que um modo de vida compreende as capacidades, ativos (recursos materiais e sociais) e atividades essenciais aos meios de viver (Scoones 1998) de um determinado grupo. Um modo de vida refere-se também às formas de engajamento com o ambiente e à formação de territorialidades. Nesse sentido, a pesca é uma atividade que envolve saberes, sentidos e percepções locais que são construídos no processo histórico de ocupação e interação com o ambiente da várzea. Ambiente é um termo relacional – só existe e ganha significado em associação a um organismo (Ingold 2000). Rios, lagos, igapós e canais são ambientes onde os pescadores, aptos ao modo de vida, exercem e reproduzem suas práticas e saberes por meio do engajamento e interação entre gerações. Um processo que na Sociologia é denominado socialização – quando as crianças aprendem a desempenhar papéis e a estabelecer relações sociais na vida, adquirir as competências, habilidades, sensibilidades e disposições apropriadas a essa participação social (Poole 2007).

Atualmente, a ênfase dos estudos sobre socialização não está mais nas propriedades

das mentes, ou em ‘visões de mundo’, mas no desenvolvimento e reprodução de formas de ser no mundo (Pelisser 1991). Neste trabalho usamos a abordagem ecológica de Tim Ingold (2010) e a aprendizagem situada de Jean Lave e Etienne Wenger (1991) para responder às perguntas: como os pescadores aprendem suas práticas? Como suas práticas são reproduzidas? Em última análise, a ideia foi contribuir para compreender como ocorrem os processos de constituição dos pescadores artesanais na região de estudo.

Ao tratar do modo de vida de povos tradicionais, Ingold (2010) afirma que o sucesso da produção do seu modo de vida depende da posse de habilidades de percepção e ação extremamente sensíveis. Essas habilidades técnicas são constituídas dentro de uma matriz de relações sociais, ou campo relacional (Silva 2011), e são desenvolvidas em contextos de engajamento com agentes humanos e não humanos no ambiente (Ingold 2000). A socialidade é o potencial gerador desse campo relacional, no qual todo ser humano cresce e tem como premissa o ativo engajamento do ser no mundo (Ingold 2000). Assim, crianças crescem em ambientes proporcionados pelas gerações anteriores, carregando em seus corpos seus modos de vida – habilidades específicas, sensibilidades e disposições (Ingold 2000).

A abordagem ecológica da aprendizagem

vê a paisagem como o *locus* da reprodução dos conhecimentos. Ingold (2010) refere-se à paisagem como um registro e testemunho duradouro das vidas e obras de gerações passadas e presentes que nela habitavam e lá deixaram algo de si mesmas. O conceito de paisagem coloca ênfase na forma, assim como o conceito do corpo enfatiza a forma e não a função de uma criatura viva. Se o corpo é a forma em que uma criatura está presente como um ‘ser-no-mundo’, então o mundo desse ‘ser’ se apresenta na forma de paisagem (Ingold 2000). Assim, é na paisagem “constituída pelos traços que lhe foram imprimindo aqueles que a habitaram anteriormente e que a habitam no momento, que o conhecimento pode ser acessado” (Carvalho & Steil 2012: 240). Paisagem não é um lugar externo, estático ou figura mental, mas um mundo que é produzido continuamente por ações e movimentos conjuntos de humanos e não humanos. Corpos e paisagens são constituídos a partir do engajamento por meio de habilidades (*skills*).

Para Ingold (2010), existem cinco dimensões de qualquer habilidade prática. Em primeiro lugar, a intenção e funcionalidade são imanentes à prática em si, e não características anteriores do agente ou do instrumento. Em segundo lugar, a habilidade não é um atributo do corpo individual, uma entidade biofísica em isolamento, mas de todo o sistema de relações constituído da presença da

pessoa-organismo (corpo e mente indissociáveis), em um ambiente ricamente estruturado (Ingold 2000). É por isso que, segundo o autor, o estudo da habilidade não apenas se beneficia disso, mas exige uma abordagem ecológica.

Em terceiro lugar, a habilidade envolve atenção, juízo e destreza e não a mera aplicação de força mecânica. A essência da destreza não está apenas nos movimentos do corpo, mas na responsividade desses movimentos às condições locais, que nunca são iguais de um momento para outro (Bernstein 1996 apud Ingold 2000). Para o autor, a destreza está no ajuste e na sintonia do movimento, em resposta a um monitoramento perceptivo contínuo da tarefa emergente. Em quarto lugar, não é por meio da transmissão de fórmulas que habilidades são passadas de geração em geração, mas por meio de experiência prática. Pelas repetidas tentativas, e guiado por suas observações, o neófito gradualmente percebe as coisas por si mesmo, ou seja, aprende a afinar seus próprios movimentos, a fim de alcançar a fluência rítmica do praticante experiente.

Aprender algo, em qualquer sistema de produção de conhecimento, depende de diversas variáveis e no caso da pesca, o contexto da aprendizagem ocorre com o engajamento prático dos meninos. A noção de educação da atenção (Gibson 1979; Ingold 2000, 2010) refere-se ao

processo de aprendizagem que ocorre a partir da interação entre aprendizes, veteranos e ambiente. Desde a infância, em um contexto de aprendizagem compartilhada, esses processos fazem parte da constituição dos pescadores e seus sistemas de aprendizado. É no espaço da convivência do dia a dia, nas interações entre humanos, e entre esses e não humanos, que acontecem a produção e reprodução de conhecimentos de pescadores e, por conseguinte, de seu modo de vida.

Carlos Sautchuk, ao descrever os processos de aprendizagem entre pescadores de Sucuriju no Amapá e valendo-se na noção de *skill*, de Tim Ingold, trata a habilidade como destreza que emerge das interações em contextos socioambientais. Assim, partindo dessa perspectiva, não se pode falar em habilidade ‘adquirida’, pois elas só podem ser pensadas em termos relacionais. As identidades são constituídas no engajamento em atividades práticas.

Considerando a constituição de identidades como movimento ao longo do ciclo de vida, a agência mobiliza uma ‘disposição para ação’, noção fundamental para compreensão da constituição das identidades. É o que permite o engajamento contínuo na comunidade de práticas. São dois processos interligados: a disposição para ação que permite o engajamento na atividade e o desenvolvimento de habilidades que, por sua vez,

viabilizam o engajamento. No contexto etnográfico estudado, essa disposição para a ação é construída ao longo do processo de engajamento dos meninos nas práticas de pesca, que descreveremos a seguir.

A abordagem da aprendizagem situada, por sua vez, vê a aprendizagem como um aspecto integral e inseparável da prática social e que acontece por meio da participação do neófito em uma comunidade de práticas, em que sistemas de relações dão sentido às atividades e tarefas (Lave & Wenger 1991). Engendrada pela teoria da prática social, que trata toda a atividade (inclusive a aprendizagem) como situada nas relações entre pessoas e contextos em complexas comunidades de práticas (Lave 2015). As comunidades de prática são formadas por pessoas que se envolvem em um processo de aprendizagem coletiva em um domínio compartilhado da prática social.

Para Lave e Wenger (1991), aprender é participar de uma comunidade de práticas, primeiramente de forma ‘periférica’ e depois de forma ‘plena’. Os autores apresentam, assim, a ideia de aprendizagem como mudança ou movimento. A ‘periferialidade’ do processo não está associada à ideia de oposição a uma centralidade, mas sim à trajetória do sujeito dentro da comunidade de praticantes. A aprendizagem não é resultado de instrução formal, mas das possibilidades de ‘movimentação’ da posição de aprendiz para

o domínio (ou maestria) da atividade. Outra característica da aprendizagem é que consiste em uma atividade relacional e engajada, ou empenhada, dirigida à resolução de problemas. Em síntese, os autores afirmam que aprendizagem é um processo histórico de produção, transformação e mudança de pessoas. Ou seja, envolve a construção de identidades e pertencimento social – relações de longo prazo entre corpos e paisagens, bem como sua participação em comunidades de práticas.

Sobre a relação entre mestre e aprendiz, Lave e Wenger (1991) afirmam que a questão de conferir legitimidade à participação do novato na comunidade é mais importante que a de prover algum tipo de ‘ensino’. Os aprendizes conseguem desenvolver suas próprias metas de aprendizagem porque sua participação confere-lhes uma visão completa da prática. O que possibilita que eles mesmos organizem seu ‘currículo’ de aprendizado e mobilizem ‘ensino’ e ‘orientação’ para si (Becker 1972 apud Lave & Wenger 1991).

Finalmente, Lave e Wenger (1991) afirmam que existem três elementos principais que devem ser objeto de análise nas pesquisas sobre aprendizagem: i) o acesso à prática; ii) a motivação dos aprendizes e iii) o desenvolvimento da identidade. São esses três aspectos da aprendizagem que abordaremos mais adiante, ao apresentarmos a etnografia da aprendizagem na pesca. Entretanto, antes de pensar

sobre os elementos e as práticas da aprendizagem, precisamos situar o agente a partir do qual se dá a participação. Nesse sentido, o corpo torna-se a peça central na análise da construção dos sujeitos, das suas identidades e habilidades.

Partindo dessas abordagens, voltamos a atenção para a produção de práticas e saberes tradicionais (Carneiro da Cunha & Almeida 2002) no sistema de relações da pesca artesanal na Amazônia. Desse modo, focamos nas formas de construção da aprendizagem, ouvindo e acompanhando os pescadores mais velhos, observando os mais novos e as interações entre as gerações e com os ambientes da ‘várzea’ amazônica. Argumentamos que aprender a pescar é uma forma de incorporação (*embodiment*, cf. Ingold 2000) de habilidades relacionadas com um território e a um modo de vida. A formação do sujeito pescador está intrinsecamente ligada a modos específicos de socialidade que se dão em um território historicamente ocupado.

A pesquisa de campo foi realizada em comunidades rurais do município de Maraã, Amazonas, Brasil. As comunidades são conjuntos de domicílios ligados entre si por laços de parentesco e vizinhança, organizadas politicamente em setores. Os setores são conjuntos de comunidades localizadas relativamente próximas umas das outras em determinado território e que

compartilham a tomada de decisão a respeito daquele território. As comunidades estudadas estão localizadas na margem esquerda do paraná do Coraci, um canal tributário do rio Japurá (Mapa 1). Essas comunidades estão localizadas no território da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Amanã (RDSA)¹ no setor Coraci. O setor localiza-se a Sudoeste dessa RDS e  composto por oito comunidades ao longo do seu curso, quatro em área de várzea e quatro em área de terra firme, com um total de 411 habitantes, de acordo com dados censitários do Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (2018).

A pesquisa de campo consistiu na imersão etnográfica, pelo primeiro autor, nas comunidades Nova Macednia, Vila Nova e São Paulo. O período total da imersão etnográfica durou cerca de oito meses, com permanências que variaram entre 10 a 20 dias, entre os anos de 2016 a 2018². Devido  proximidade geográfica entre as comunidades, os campos foram realizados em todas elas. A coleta de dados foi realizada por meio de observaes, interaes no cotidiano e em atividades de pesca,

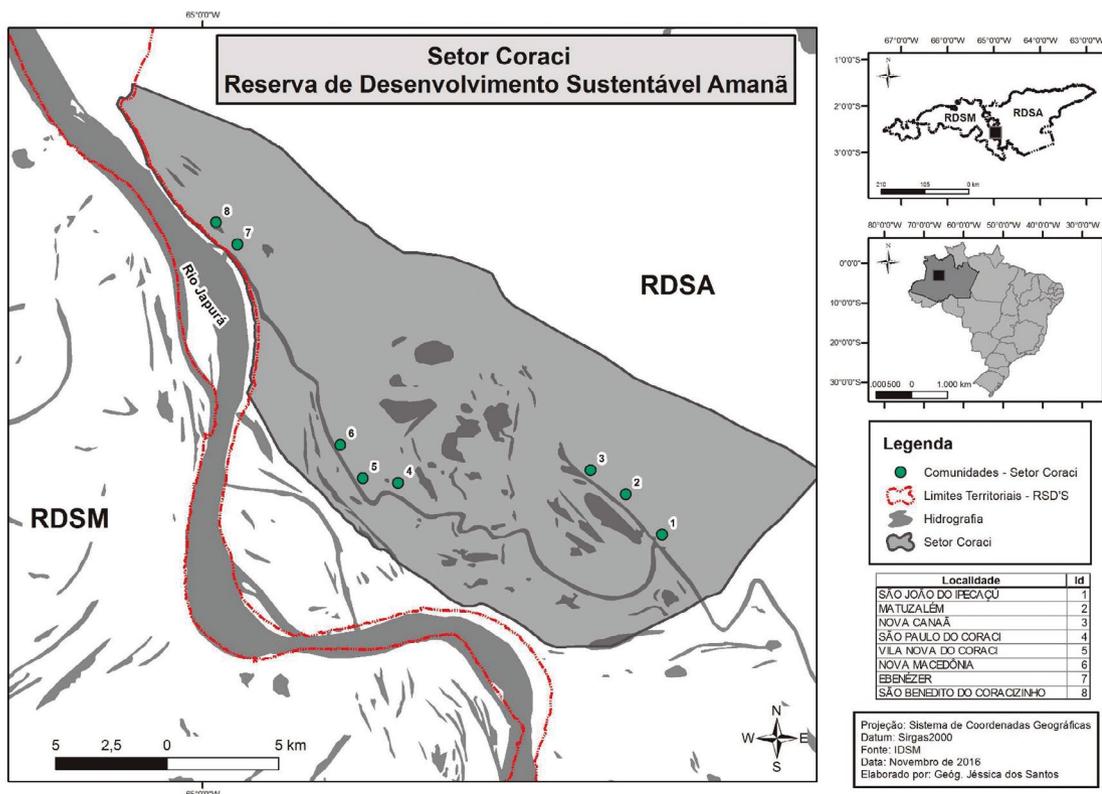
registradas em caderno de campo e por entrevistas semiestruturadas. Para além dos períodos de estadia, nas comunidades,  importante destacar que o primeiro autor nasceu e viveu, até os 11 anos de idade, em uma das comunidades estudadas e ainda mantm fortes relaes com o lugar, por meio das relaes de parentesco e do acesso ao território por visitas aos parentes, em momentos de lazer.

A vida nas comunidades não se resume às pescarias. Durante o período de pesquisa, pudemos acompanhar diversas atividades que reúnem os moradores: trabalho na roça, cultos religiosos, atividades escolares, além dos encontros eventuais que fazem parte do dia a dia, como as rodas de conversa no fim do dia, partidas de futebol e brincadeiras na gua.

As entrevistas foram feitas com 10 pescadores, distribuídos entre as três comunidades, as idades variaram entre 34 e 65 anos e os critérios de escolha dos entrevistados foram: tempo e disponibilidade para entrevista, diversidade de faixas etárias entre os pescadores para comparar suas experiências,

1 Unidade de Conservao de Uso Sustentável criada em 1998. Tem extensão territorial de 2.313.000 ha composta por florestas de várzea, terra firme e igapó, situada na região do médio rio Solimões entre os rios Negro e rio Japurá, com abrangência nos municípios de Mara, Coari, Barcelos e Codajs.  parte do Corredor Ecológico da Amznia Central, fazendo divisa com a RDS Mamirauá (1.124.000 ha), Reserva Extrativista do Rio Unini (833.352 ha.), Parque Nacional do Jau (2.272.000 ha), formando a maior área de floresta tropical protegida do mundo (Ayres et al. 2005; Queiroz 2005). A RDS Amanã faz divisa, em sua porão ocidental, com a Terra Indígena Cui-Cui.

2 Esta pesquisa foi desenvolvida no projeto “Produo e reproduo das técnicas e saberes tradicionais na pesca no Médio Solimões”, no Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá (IDSM), com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).



Mapa 1 - Localização das comunidades ribeirinhas em que a pesquisa foi realizada. Em destaque, a área do Setor Coraci e limites das Reservas de Desenvolvimento Sustentável Amanã e Mairauá.

e aqueles considerados bons ou especialistas. As entrevistas foram orientadas por um roteiro com 16 perguntas abertas que versavam sobre a iniciação na pesca, interação com outros pescadores, escolhas de ambientes, apetrechos utilizados, saberes sobre peixes, preferência por locais de pesca etc.

Os entrevistados puderam responder de forma livre, usando o tempo que achassem necessário. A cada pescador foi solicitada, previamente, permissão para registro da entrevista usando

um gravador digital. Também foi pedido que escolhessem o local e horário da entrevista, o que, em todos os casos, aconteceram nas suas residências. Em algumas delas, esposa ou filhos participaram.

A etnografia da pesca baseou-se em diversos momentos de interação com os moradores dessas comunidades que se dedicam à atividade pesqueira. O primeiro autor acompanhou os pescadores nos lagos, rios, igapós, caminhando nos varadores³,

3 Varadores são os caminhos que levam até o lago ou igapó, seja por terra ou por água.

para chegar aos locais de pesca, isso proporcionou experiências com o ambiente e o engajamento nos mais diversos desafios que se apresentavam para os novatos, tais como: caminhar por horas para chegar a um lago onde acontece a pesca, enfrentar chuva, o calor do sol, picadas de insetos. Esses momentos são fundamentais para compreender como um pescador constitui-se como tal, que situação experimenta e como reproduz seus conhecimentos na prática. Como ressaltam Sautchuk e Sautchuk (2014: 582): “(...) não se tratava simplesmente de atuar junto, mas de inserir-se na dinâmica de aprendizagem própria a cada sistema (...)”, já que, durante a pescaria, toda a conversa fez referência a temas relacionados à atividade e à prática e serve de exemplo para comprovar experiências prévias, consistindo em um momento de ensino e aprendizado.

Temos que pontuar que o recorte metodológico acabou por concentrar a observação e a participação nas atividades da pesca em espaços dominados pelos homens. São eles (adultos e jovens), os praticantes da etapa de captura do peixe dentro da cadeia da pesca, dentre todas as atividades, a pesca é a que menos se observa as mulheres envolvidas. No modo de vida, nas comunidades pesquisadas, faz parte da constituição das pessoas uma gama de aprendizagens sobre águas, terras, matas, comportamentos sociais etc.

Na divisão sexual do trabalho e na constituição da família, é dos homens a responsabilidade com a alimentação dos membros da casa por meio da pesca, enquanto que as mulheres assumem responsabilidades equivalentes na composição da dieta familiar por meio de suas atividades de extrativismo, da agricultura e da produção de artesanato. Essa divisão corresponde à atribuição aos homens da função social de ‘provedor’.

Cada membro da família tem funções próprias e complementares, que convergem para a manutenção da vida da casa. De modo similar, como mostra Strathern (2006) para a região da Melanésia, há situações em que as ações dos homens englobam as das mulheres, deixando-as menos visíveis. O contrário também ocorre. No caso da pesca, devemos considerar que, como mostram Alencar et al. (2015), a organização do trabalho envolve homens, mulheres e crianças de ambos os sexos nas atividades da cadeia produtiva em tempos e espaços distintos. Contudo, a ação de capturar o peixe tende a ficar a cargo do homem e é ele quem fica visível como agente, obliterando a participação da mulher no conjunto de ações ligadas à produção de pescado. Ao mesmo tempo, no Coraci, as mulheres dominam a produção de cestaria, que se destaca como atividade econômica paralela à pesca. Essas são características das comunidades estudadas. Na escala regional, essa

divisão estrita é rompida e é possível encontrar mulheres que pescam rotineiramente e participam da pesca de pirarucu no manejo, valendo-se de arpão (Alencar et al. 2014).

O recorte deste estudo dá ênfase à etapa da ‘captura’ dos peixes e, portanto, em um nível analítico, acaba por reproduzir a invisibilidade da mulher no universo da pesca. Dito isso, a decisão de fazer um recorte nas práticas dos pescadores do sexo masculino foi tomada justamente porque a etnografia buscava descrever as relações que formam pessoas a quem o coletivo atribui e reconhece a identidade social⁴ de pescadores. Nesse contexto etnográfico, essa identidade social é atribuída às pessoas do sexo masculino.

Na divisão de trabalho, meninos e meninas, desde a primeira infância, aprendem a fazer diferentes atividades. No geral, as meninas a partir dos cinco anos, acompanhadas de outras mulheres ou sozinhas, iniciam-se nas atividades ‘de casa’, como lavar roupas e vasilhas, varrer e ‘passar pano’ na casa, enquanto que os meninos, a partir da mesma idade, desenvolvem atividades com outros homens, ‘fora’ de casa, como a pescaria e o trabalho

na roça. Porém, as meninas participam de algumas atividades que têm relação com a agricultura, como plantar roças e produzir farinha, essa divisão de trabalho acontece nas outras fases da vida.

Essa forma de organização da aprendizagem, a partir do gênero, que tem início na infância, constitui-se como uma das bases da organização da casa, unidade básica da organização da vida ribeirinha (Lima 2006). Saberes sobre pesca, agricultura e ‘cuidar de casa’ são essenciais para se constituir uma família. Assim, cabe aos rapazes ter algumas habilidades com a pesca, mesmo que não se tornem especialistas nas pescas de tambaqui (*Colossoma macropomum*) e pirarucu (*Arapaima gigas*), por exemplo, que são mais complexas e exigem destreza com materiais e técnicas específicas. É importante que saibam pescar com malhadeiras, para alimentar sua família, bem como a moça precisa saber ‘cuidar da casa’.

2. AMBIENTE, PESCA E SAZONALIDADE

As comunidades em que a pesquisa foi realizada estão localizadas ao longo do paraná do Coraci. Paranã⁵ é um tipo de canal formado pela ação

4 Identidade social aqui entendida como a visão da posição que se ocupa no espaço social (Bourdieu 1989). A identidade social como expressão do *habitus* é entendida como um sistema flexível de disposição, resultado do conjunto das vivências nas instituições sociais tradicionais e adaptável aos estímulos do mundo, trajetória do sujeito, mediação do passado e do presente (Setton 2002: 67).

5 Paranã, ou paraná, é a palavra tupi nheengatu para ‘rio’ (Stradelli 1929: 587). Os pescadores costumam usar ‘paraná’ e ‘rio’ como sinônimos. Entretanto, grandes cursos de água, como o Solimões e o Japurá, são chamados de ‘rio’. Cursos longos e estreitos, como o Coraci, são chamados de ‘paraná’ ou ‘rio’, igualmente.

das águas e da movimentação de sedimentos, em terreno de várzea jovem (holocênica, cf. Ayres 2006). Florestas margeiam o paraná e os lagos que se conectam a ele por meio de canais menores, conhecidos como canos. Essas florestas são compostas por diferentes ambientes que os pescadores classificam por diversos nomes: restingas são os terrenos mais altos, cobertos por floresta; chavascas são os terrenos mais baixos, com vegetação arbustiva, que passam a maior parte do ano alagados. Quando as restingas estão alagadas, os pescadores as nomeiam como igapó. A característica principal do ecossistema de várzea  a inundação sazonal do terreno pela água branca. O ‘período de cheia’, como dizem os pescadores, acontece entre os meses de janeiro e agosto. De setembro a dezembro  o tempo da seca, quando as águas recuam. O nível da água varia em média 10 m, entre a cheia e a seca (Ramalho et al. 2009), o que altera de forma drástica a paisagem.

O ciclo das águas influencia na socialidade e aprendizagem dos ribeirinhos, especialmente das crianças, que interagem mais com as águas do rio nos períodos de cheia (Oliveira & Peralta 2020), nesse período, os meninos que sabem nadar utilizam mais as canoas sozinhos, transitam, se divertindo e fazendo ‘mandados’, vigiando as malhadeiras armadas próximo às comunidades,

pescam de caniço próximo de casa, circulam mais com os adultos nas áreas de pesca, pois o igapó fica no quintal de casa. As longas distâncias de algumas áreas de pesca, no período de seca, exigem resistência física, logo, os meninos (de até 10 anos) participam menos.

A sazonalidade também influencia nas atividades de produção, como agricultura, extrativismo vegetal e pesca. A agricultura consiste, principalmente, no plantio de mandioca para produção de farinha.  realizada com maior intensidade no período de seca. O extrativismo vegetal, para fabricação de artesanato, atividade liderada pelas mulheres, ocorre durante os períodos de enchente e cheia (Sousa et al. 2017). A pesca ocorre durante o ano todo, sendo que os locais onde  realizada e as espécies que são capturadas variam de acordo com o nível da gua. O pescador explica:

“(...) no tempo da cheia aí vai aparecer curimat, jaraqui e outros tipos de peixe. Quase toda época tem uma espécie que a gente consome. Por exemplo, em período de seca a gente come mais  aruanã e tucunaré. Quando  tempo que t enchendo, que nem agora, a gente consome muito o bod. Quando o tempo t mais cheio um pouco, aí a gente come a consumir jaraqui, curimat, tambaqui, pirarucu, essas coisas assim. Quando  na seca, a gente vai para os lagos, vara a canoa, aí já  de facho na zagaia, de malhadeirainha cercando.” (Chagas⁶, comunicação pessoal, 2017).

6 Optamos por não identificar os pescadores entrevistados, desse modo, os nomes utilizados são fictícios.

Essa fala faz uma relação dos peixes mais pescados em cada período do ano. Cada peixe tem seu tempo, quando as águas e a migração de cada espécie dão condições para os pescadores: ‘o tempo do tambaqui’, ‘o tempo do peixe liso’, e nos últimos anos, ‘o tempo do manejo’. Os ambientes seguem o movimento das águas, secam e alagam no decorrer do ano, proporcionando diferentes habitats para os peixes. Os pescadores usam diferentes apetrechos para capturar diferentes espécies de peixes, de acordo com as exigências do ambiente.

Durante a seca, quando os lagos ficam isolados do paraná, acontece a pesca de pirarucu, ao que muitos se referem como ‘o tempo do manejo’⁷. Os pescadores que compõem o grupo de manejo se juntam para realizar a ‘despesca’ dos lagos. Os materiais utilizados são o arpão e malhadeira, em associação. Os pescadores cercam os peixes com a malhadeira, arpoam alguns e capturam outros na malha da rede. Esses dois apetrechos utilizados na captura do pirarucu não fazem parte das praticas dos meninos, ja que exigem habilidades especificas, somente a partir de, em media, 15 anos de idade e que eles vao ter acesso a tais materiais, diretamente na pratica de manejo

sustentavel ou nao. No entanto, e valido ressaltar as experiencias previas com apetrechos similares, como zagaias, flechas e malhadeiras de captura de outras especies (Figura 1).

Ainda no tempo da seca, a pesca de ‘facho’ e bastante praticada. ‘Fachear’ e usar uma fonte de luz, normalmente uma lanterna, para buscar pela presa. Zagaia e o apetrecho utilizado para fachear. O mesmo termo e usado em alguns tipos de caçadas, como fachear paca. Os pescadores do Coraci usam lanternas de cabeça, que sao facilmente adquiridas na cidade. Essas lanternas deixam as maos livres para manusear a flecha. A pesca acontece nas margens do paraná, em canos e lagos. A lanterna ilumina os tocos de pau, sapopemas e outros abrigos onde os peixes costumam ficar. Vagarosamente, o pescador se aproxima do peixe e, num movimento rapido, atira sua flecha em direção a presa: tucunare (*Cichla monoculus*), aruana (*Osteoglossum bicirrhosum*), traira (*Hoplias* spp.) sao os peixes miudos⁸ capturados com frequencia.

Quando a enchente chega e os igapos estao bem-formados, o pescador vai buscar o tambaqui, a aruana, a pirapitinga (*Piaractus brachypomus*) e

7 Por regulação do Ibama, a pesca do pirarucu e proibida no estado do Amazonas durante todo o ano. E liberada no decorrer dos meses de setembro, outubro e novembro apenas em áreas de manejo. (Instrução Normativa IBAMA não 34, de 18 de junho de 2004).

8 ‘Peixe miudo’ e como os pescadores se referem aos peixes de menor tamanho e menor valor comercial, entretanto, de grande valor para a alimentação cotidiana. Alguns deles sao o pacu, o acara (*Chaetobranchopsis orbicularis*), a pirapitinga e o tucunare.



Figura 1- Menino na canoa brincando de flechar. Foto: José Cândido Ferreira (2014).

tantos outros. Na floresta alagada, árvores como a seringueira (*Hevea spp.*), o jauari (*Astrocaryum jauary*) e o louro inhamuí (*Ocotea cymbarum*) são atrativos para os peixes, que buscam as frutas e sementes que caem na água. Nos arredores dessas árvores, o pescador arma o espinhel, que é uma linha comprida de onde pendem linhas com anzóis iscados com a semente da seringueira.

A linha-mestra do espinhel tem suas pontas amarradas em duas varas, de modo a ficar esticada. As linhas com anzóis pendem para o fundo da água. Quanto mais fundo estiverem as iscas, maior a chance de pegar peixes grandes. A malhadeira

também é utilizada no igapó, mas só é eficiente nos locais em que a água é parada e a rede pende até o fundo, formando uma barreira para capturar o peixe.

O paraná tem profundidade que permite a navegação de canoas e barcos maiores durante todo o ano. Durante a enchente, por volta do mês de abril, cardumes de jaraqui (*Semaprochilodus taeniurus*), de curimatã (*Prochilodus nigricans*), de pacu (*Mylossoma duriventre*), de sardinha (*Triportheus angulatus*), de aracu (*Schizodon fasciatus*), de chorona (*Potamorhina latior*), de matrinchã (*Brycon falcatus*) e de peixes lisos⁹

⁹ Peixe liso é o nome usado pelos ribeirinhos para se referir, de forma genérica, aos siluriformes, os peixes de couro. Em outras partes do Brasil, eles são conhecidos como bagres.

sobem o paraná em piracema, momento ideal para lancar. O lance no rio consiste em soltar a rede, que  sustentada por boias, num sentido perpendicular  corrente baixando o rio, de modo que o cardume seja envolvido pelas malhas.

Durante todo o ano, como já destacado, os

moradores desenvolvem atividades de pesca que variam de acordo com a sazonalidade e com o ambiente. As técnicas e apetrechos também variam. A seguir, o quadro 1 relaciona as principais técnicas de pesca utilizadas pelos pescadores no decorrer do ano, no setor Coraci.

Quadro 1- Relaco de técnica, apetrecho, ambiente, período do ano, peixes visados e finalidade das formas de captura empregadas pelos pescadores do setor Coraci. Fonte: Dados de campo. Elaboraco: dos autores.

‘Bater caniço’	Canio	Paran	Cheia	Peixe liso	Alimentaco e comercial
‘Colocar malhadeira’	Malhadeira	Igapó	Cheia	Tambaqui e pirapitinga	Alimentaco e comercial
‘Pegar tambaqui’	Espinhel e malhadeira	Igapó	Enchente e cheia	Tambaqui	Alimentaco e comercial
‘Manejar’	Arpo e malhadeira	Lago	Seca	Pirarucu	Alimentaco e comercial
Tarrafeiar	Tarrafa	Paran	Enchente, cheia e seca	Peixe miúdo	Alimentaco e comercial
‘Pegar tambaqui’	Canio	Igapó	Cheia	Tambaqui	Alimentaco e comercial

A diversidade de técnicas de pesca, ambientes, materiais, sazonalidade e espécies capturadas expressam a riqueza de detalhes do modo de vida pesqueiro local. É dessa diversidade que vem a aprendizagem das novas gerações, a partir das interações com os mais velhos e o ambiente. Por meio da comunidade de práticas (Lave & Wenger 1991), os meninos começam a observar, perceber, sentir e praticar tal atividade. Em diferentes graus de participação, os meninos, a partir dos cinco anos de idade, são envolvidos nas atividades citadas acima, como descreveremos a seguir.

3. OS MENINOS NA PESCA E AS ETAPAS DA APRENDIZAGEM

No local da pesquisa, os meninos têm o primeiro acesso à prática da pesca a partir da popa da canoa, na companhia dos homens jovens ou adultos, no entanto, para que eles ‘cheguem’ até ela, e não corram perigo de cair na água e se afogar, é necessário que tenham o domínio técnico do nado, pois “aprender a nadar lhes permite circular de forma autônoma nos espaços comunitários e lhes torna aptos a participar também do mundo da pesca” (Oliveira & Peralta 2020: 1). Podemos considerar que a primeira etapa da constituição do pescador começa com o nado, que acontece ainda na primeira infância, por volta dos cinco anos de idade.

O equilíbrio é a primeira experiência para o menino, a partir da popa da canoa. Equilibrar-se é essencial. O movimento aleatório na popa da canoa incomoda o proeiro e atrapalha na captura do peixe. A concentração e aplicação de técnica para o pescador, que está na proa da canoa, também perpassa pelo comportamento de quem vai na popa.

Em termos de acesso às práticas, a popa é uma parte importante da canoa quando se trata de aprender a pescar. É comum ouvir de pescadores: ‘eu comecei sentado na popa da canoa do meu pai’. O treinamento dos sentidos – visão, audição, tato – e o aprendizado de todas as atividades acontece a partir desse lugar, de onde a criança interage com a pessoa que está acompanhando, com o ambiente e apetrechos utilizados. As canoas comumente usadas são chamadas ‘casco’, ou ‘casquinho’, com cerca de 4 metros de comprimento, cavadas em uma peça única de madeira ou feitas de tábuas. Têm quatro bancos, dois maiores na parte central, mais larga, um na proa e outro na popa, que estruturam o corpo da montaria, mantendo o casco com a devida abertura. Os bancos centrais servem de assento, mas os tripulantes, por vezes, podem ter que assentar no porão, a fim de manter o equilíbrio. O tamanho da embarcação é adequado às condições que o ambiente de várzea oferece para locomoção: cursos de água rasos, vegetação flutuante e mata

alagada. Quanto maior a canoa, maior o trabalho para ‘varar’ os caminhos, especialmente nos períodos de seca. Sua carga máxima são dois adultos, um na proa e outro na popa, porém, a situação mais comum é uma pessoa por canoa. Quando uma criança acompanha, ela vai assentada na popa e o adulto se acomoda na proa.

A atividade da pesca é atribuída aos homens, segundo a divisão sexual do trabalho nas comunidades estudadas. Em função disso, homens são reconhecidos sob a identidade social de pescadores e a aprendizagem da pesca é direcionada aos meninos. Eles são iniciados de forma periférica na atividade, acompanhando e ajudando os mais velhos. ‘Sentar na popa’ é o equivalente à participação periférica legítima de que tratam Lave e Wenger (1991) ao se referirem à ação do sujeito que se integra à comunidade de praticantes como neófito. No contexto da pesca, a expressão é usada para denominar o lugar físico onde os meninos são iniciados e a partir de onde eles educam a atenção (Ingold 2010) sobre os gestos adequados e os sinais no ambiente, até que desenvolvam plenamente o domínio técnico para pescar e ‘tomar de conta’ da própria canoa.

As crianças de diferentes idades estão presentes em todas as atividades realizadas por adultos. É possível vê-las nas casas de farinha, nas roças, nas atividades de lazer e na pesca. Quando iniciam

na popa da canoa, os meninos acompanham as atividades praticadas no território mais próximo às comunidades. Raramente vão às pescarias realizadas em locais mais distantes, que demandam maior esforço físico. Essa é a segunda etapa na constituição do pescador, quando os meninos participam das práticas de pescar de caniço, jogar linha, colocar e ‘reparar’ malhadeira (ver Quadro 1). Participam de forma ‘periférica’ de algumas dessas atividades: observam, tiram água da canoa e carregam objetos. A participação periférica vai sendo transformada em protagonismo, à medida que os meninos apresentam ‘disposição’ para atuação autônoma: remando ou soltando malhadeira nos lances, colocando e ‘reparando’ malhadeira, às vezes, na companhia de outro menino.

Quando são levados para pescarias de maior distância, fazem companhia para adultos e jovens, porém são atividades que não demandam muito tempo, nem esforço para um menino ainda ‘não acostumado’ com o ritmo da pesca. A companhia dos meninos ‘encoraja’ os adultos, pois a maioria deles prefere ter a companhia de alguém na pescaria, como afirmou um dos pescadores: “é muito ruim o cara andar só, tem que ter ao menos alguém pra falar” (Gomes, comunicação pessoal, 2017). As viagens longas entre canos, igapós e lagos trazem certa ‘agonia’ (ou desconforto emocional)

e inseguranças para alguns pescadores quando estão sozinhos. Portanto, preferem ter alguém por perto e, na falta de algum jovem ou outro adulto, os meninos acabam sendo convidados. No entanto, nessas pescarias, eles também fazem atividades pontuais, ‘ajudam’ a tirar água da canoa, carregam objetos e peixes pescados. O comportamento dos meninos nessas expedições a ambientes de pesca mais distantes vai permitir o acesso a uma etapa de aprendizagem mais complexa: as pescarias de tambaqui e pirarucu, por exemplo. São considerados aptos aqueles meninos que ‘não dão trabalho’ durante essas excursões, se ‘não reclamam’, se conseguem ‘aguentar’ as intempéries, ou seja, se têm seu corpo habituado à atividade.

Nessa etapa, os meninos participam apenas como observadores e ‘ajudantes’. As ajudas são “tarefas secundárias” no processo da pesca (Furtado 1993; Sautchuk 2015). Nas comunidades é comum ouvir dos adultos que os meninos ‘ajudam’ nas atividades, ou mesmo uma mãe solicitando que o menino vá ‘ajudar’ o pai, o tio ou o irmão. A observação e a ajuda possibilitam a educação da atenção apropriada para a pesca.

Meninos nessa fase também pescam nas ‘balsas’, estruturas de madeira que flutuam no rio, próximo à margem, na frente das casas, utilizadas para tomar banho, lavar vasilhas e roupas. Essas pescarias ganham a forma de brincadeiras com

outros meninos, ou se tornam ‘mais sérias’, quando é para alimentação da família. Os apetrechos utilizados são o caniço e a linha comprida. O caniço é uma vara flexível com linha e anzol, produzido artesanalmente. Os meninos iscam o anzol com pedaços de peixe, ou com insetos, e jogam a linha com anzol, de forma contínua, tirando e colocando na água até a captura de peixes miúdos. Já a linha comprida tem, em média, 30 m, com um anzol e um peso de chumbo em uma das pontas. A técnica é denominada de ‘jogar linha’: o anzol é iscado com pedaço de peixe e lançado na água. O pescador fica à espera, até que algum peixe morda a isca e seja fígado pelo anzol. Os peixes mais capturados são peixes lisos (bagres) de pequeno porte, como mandubé (*Ageneiosus inermis*), barba chata (*Pinirampus pirinampu*) e surubim (*Pseudoplatystoma punctifer*).

Quando atingem certa idade, em média, 10 anos, os meninos se ‘movimentam’ na comunidade de práticas e se responsabilizam por ‘lançar’, ‘colocar’, ‘reparar’ e ‘retirar’ a malhadeira sozinhos. Às vezes, são os únicos responsáveis pela pesca para a alimentação da família. A partir daí, acompanham com frequência os mais velhos nas pescarias distantes das comunidades, e embora já tenham certa autonomia para ficar na proa da canoa, nas pescas de lagos, igapós e canos continuam na popa.

Lancear, colocar e ‘reparar’ a malhadeira, no paraná do Coraci, são tambem momentos de iniciano dos meninos na prática da pesca, e fazem parte da terceira etapa da aprendizagem. Na popa da canoa, seus pais, tios, irmãos ‘mostram’ elementos da atividade, o que nos remete  formulao de Ingold (2010: 18) sobre a educao da ateno: “mostrar alguma coisa a alguém  fazer esta coisa se tornar presente para esta pessoa, de modo que ela possa apreendê-la diretamente, seja olhando, ouvindo ou sentindo”.

Colocar malhadeira  o ato de armar a rede no paraná. São colocadas em lugares abertos, entre os capins concentrados nas margens do paraná, ou podem ser colocadas na própria margem, na beira do capim. Homens, jovens e meninos colocam as malhadeiras na parte da manhã. Ao menos três vezes no decorrer do dia, eles vigiam a malhadeira para retirar os peixes capturados. No final da tarde, a rede  retirada. Os meninos, na infância, participam dessa prática somente como observadores.

Lancear  uma técnica que consiste em soltar a rede nas águas do paraná e deixá-la baixar ao sabor da correnteza. Ocorre com ou sem a percepo de cardumes, e  realizada por uma ou duas pessoas. Quando feita por duas, uma rema na proa da canoa e a outra solta o apetrecho na água, desde a popa. Quando  são uma, a pessoa faz todo

o serviço. Solta-se a malhadeira, com uma boia em uma das pontas, do centro para a margem do paraná e deixa-se que acompanhe o fluxo do rio para capturar os peixes que estão subindo, ou seja, em direo a montante. Gonçalves (2018) e Santos (2017) identificaram que pescadores urbanos de Tefé denominam ‘lance’ tanto a técnica quanto alguns locais onde se realiza a pesca. Ferreira et al. (2015) mostram que a técnica de cercar pirarucus, em forma de círculo,  denominada ‘lance’ por alguns grupos de pescadores do médio Solimões.

No Coraci, ao se avistar um cardume subindo o rio, as pessoas na comunidade se perguntam sobre a espécie dos peixes, o tamanho do cardume, se há outras espécies em meio ao cardume, dentre outras questões. Há tambem a mobilizao, estimulada pelas mulheres e pelos homens adultos, para que os homens, jovens e meninos lanciem os peixes. Para pegar a ‘cabeça’ do cardume  essencial que se vê em dupla, assim o processo se torna mais gil. ‘Cabeça’  o conjunto de peixes que lideram o fluxo do cardume no sentido em que sobem a margem do rio, onde  possível ver a maior concentrao de peixes.  preciso agilidade para soltar a malhadeira  frente do cardume para ‘pegar a cabeça’. Durante essas ocasiões, os meninos ajudam remando ou soltando as malhadeiras, junto com os pais ou outros jovens (Figura 2).



Figura 2 - Menino remando. Foto: José Cândido Ferreira (2014).

O processo que levará os meninos para uma quarta etapa, da popa para a proa, é demorado, pois precisam ter os domínios que só serão adquiridos pela experiência. Eles têm um longo caminho de prática até mudarem de lugar. Estar na proa é a demonstração de que o sujeito já tem possibilidade de atuar sozinho ou ser o proeiro, em pescarias com outro menino, isto ocorre em média a partir dos 10 anos, nas pescas no rio, e 15 anos nas pescas no lago, igapó e cano. Nos lances, feitos por meninos, por exemplo, são os mais velhos que ficam na proa, suas habilidades com o remo, a canoa e o próprio fluxo da água, garantem que atinjam a ‘cabeça’

do cardume. Esse processo de transição de um lugar para o outro também foi identificado por Sautchuk (2015).

Nas narrativas dos entrevistados sobre suas primeiras experiências na pesca, eles descreveram a interação com outros pescadores com algum grau de parentesco. São esses pescadores mais experientes que possibilitam o acesso dos meninos ao contexto da pesca com seus objetos, materiais, técnicas e linguagem. A aprendizagem não é padronizada, porém os meninos têm sempre um veterano ‘de olho’ neles, até dominarem as técnicas para comandarem uma pescaria.

O aprendiz acompanha uma pessoa mais velha (jovem ou adulto) durante um longo período da infância até a adolescência, desde que aprende a nadar até dominar as habilidades corporais, o uso de instrumentos, até chegar à fase de ‘se virar sozinho’. Quando o adolescente desenvolve as habilidades de pesca, ganha/tem seus próprios materiais e já está suficientemente familiarizado com o ambiente para ‘se virar sozinho’.

Esse é o momento em que ele começa a liderar uma atividade de pesca em lagos, canos e igapós, sem que um pescador experiente precise auxiliá-lo diretamente. Ele passa para a proa da canoa, pois já possui costumes e resistências orgânicas¹⁰. Ter o próprio material é um marcador dessa etapa de autonomia. Um dos entrevistados relatou que foi um momento aguardado por ele: “(...) porque sempre quando eu andava na popa do papai, eu ficava alegre, eu era doido pra pegar a minha canoa mesmo.” (Silva, comunicação pessoal, 2017). Os meninos/jovens tornam-se responsáveis também por canoas, remos etc., que passam a ser seus. Segundo os entrevistados, essa etapa aconteceu, em suas vidas, na adolescência. Um dos pescadores expressou:

“Me lembro dele [pai] pescando. Acompanhei ele várias vezes. Andava na popa dele, prestando atenção como era que ele pescava, sabe?! Arpoava o pirarucu, e eu fui prestando atenção.

Aí chegou o ponto de chegar a minha vez, chegar até onde eu cheguei na pesca, aí fiquei me virando sozinho.” (Nogueira, comunicação pessoal, 2017).

O pescador destaca os aspectos da aprendizagem pela observação junto ao pai. A interação com um mais velho, nesses momentos de participação periférica, possibilita ao menino cultivar a atenção e experimentar diversos aspectos, para ele próprio se tornar um pescador e ter os domínios necessários sobre o ambiente, com uso de materiais e técnicas.

Os meninos interagem no ambiente de diferentes formas até terem autonomia na pesca. Tal autonomia também vem (não só, mas também) com a idade, como relatou um dos entrevistados:

“Foi nessa base de 14, 15 anos... Já andava na minha canoa, já pescava. Comecei a pescar o pirarucu, o tambaqui, [junto] com o papai, [mas] com meu próprio material. Eu tinha uma base dessa idade aí e já tinha meu material. Às vezes ia sozinho [pescar]” (Souza, comunicação pessoal, 2017).

É, principalmente, o domínio técnico da pesca de pirarucu e tambaqui que demarca sua transição na comunidade de práticas e expressa a transformação da identidade social de aprendiz para pescador.

Um dos entrevistados relatou algo peculiar. Com apenas oito anos de idade começou a ‘comandar’ sua própria canoa:

10 Assim como descreveu Ramalho (2011) no contexto etnográfico da pesca marítima.

“É o seguinte, eu pescava numa canoa, mas que era sempre aquele hábito que até hoje nós temos, era por equipe, nós tínhamos uma equipe mais ou menos de oito pessoas, no caso era meu avô, meu tio e tal e eu no pacote incluía por ali. Eu ia na minha canoa, mas não era assim, encarando sozinho não, sempre no meio deles, era assim que era.” (Nogueira, comunicação pessoal, 2016).

O pai de Nogueira não pescava nos lagos, pois ‘trabalhava na terra’¹¹. Enquanto isso, o menino já era o responsável nas águas, com a canoa sob seu próprio comando, mas na companhia de outros pescadores, cada um em sua própria embarcação. O caso é singular, porém representa um aspecto do modo de vida na região, que é o fato de que nem todos os homens praticavam a pesca comercial realizada em lagos¹². Alguns deles trabalham apenas com a agricultura para comercialização. O entrevistado expressa a divisão de atividades na manutenção da economia familiar, dessa forma: “Meu pai me colocava na proa da canoa e ele ia trabalhar na terra, até enquanto chegava o recurso da terra, eu garantia no lago.” (Pescador, comunicação pessoal, 2016). Ou seja, a produção da pesca realizada pelo filho se somava à produção agrícola do pai, no sustento da família. No entanto, a aprendizagem ainda se manteve na relação com outros pescadores, na relação com

uma comunidade de práticas.

As etapas que identificamos na aprendizagem da pesca seriam o equivalente ao movimento dos neófitos na comunidade de práticas de pescadores, que os meninos acessam tão logo aprendem a nadar. Ao mesmo tempo em que observam e ajudam, passam por ‘testes’ durante as longas viagens, o sol forte, a chuva e picadas de insetos. Para os iniciantes, essas primeiras viagens podem ser fatídicas, ‘perguntam muito e se assustam com tudo, até com aruanã boiando’, como afirmou um pescador. À medida que vão crescendo e experimentando o ambiente aprendem a lidar, não só com as técnicas, mas também com as próprias condições do trabalho.

A constituição do pescador passa pela participação periférica (Lave & Wenger 1991), que se inicia quando o menino aprende a nadar. Posteriormente, o tempo que o menino passa ajudando e observando alguém com experiência, enquanto o acompanha na pescaria, permitirá que afine sua atenção e desenvolva habilidades de pescador. Só assim ele será legitimado como parte da comunidade de práticas. A legitimidade não vem de uma hora para outra. Demanda tempo, por meio de ‘testes’ práticos que desafiam os limites

11 A referência ao trabalho com plantações, como roças, bananais etc.

12 O manejo sustentável de pirarucu reordenou a prática da pesca local. Desse modo, hoje, grande parte dos homens atua na pesca comercial do pirarucu realizada nos lagos, como demonstraremos no próximo tópico.

físicos dos meninos, inserindo-os na lida com a pesca e na comunidade de pescadores.

No decorrer da infância, os meninos participam de outras formas de aprendizagem que fazem parte do modo de vida local, por exemplo, na educação formal¹³ e na agricultura. A educação formal, nos dias de hoje, possibilita que algumas pessoas se tornem professores ou agentes de saúde. A agricultura é outra opção para adquirir rendimentos econômicos. Nem todos os homens se envolvem com a pesca, no sentido comercial, no entanto, as etapas elencadas acima fazem parte do ‘currículo’ dos meninos, pois mesmo que não se tornem pescadores especialistas, eles precisam saber minimamente sobre pesca, pois como futuros ‘provedores’, espera-se que, ao menos, consigam prover o peixe para a alimentação da sua família.

A partir dos anos 2000, com a instituição de novas práticas de manejo de pesca, essa visão socialmente definida de divisão do trabalho tem sido questionada por parte do grupo de mulheres artesãs, que reivindicaram em diversos momentos o reconhecimento do seu trabalho na cadeia do manejo de pescado (Sousa 2017; Alencar et al. 2014). Suas reivindicações acabaram por provocar diversos conflitos políticos entre homens e mulheres, já que a maioria dos homens ainda

considera a pesca como atividade de domínio estritamente masculino (Sousa 2017).

4. MANEJO SUSTENTÁVEL: MUDANÇAS NOS ENGAJAMENTOS DO CONTEXTO REGIONAL

O pirarucu sempre foi uma espécie de importante valor econômico na região do médio rio Solimões. Um estudo apontou que a produção de pirarucu para o mercado representava, nos anos 1990, cerca de 15% dos rendimentos de domicílios na região (Queiroz & Sardinha 1999). Entretanto, após estudos que apontaram o declínio das populações da espécie, uma portaria do Ibama (1996) restringiu sua captura, transporte e comercialização em toda a bacia amazônica¹⁴. Atualmente, a pesca e comercialização legalizadas do pirarucu só são permitidas em áreas regularizadas de manejo participativo, o que exige dos moradores a adesão à gestão, mas dá uma nova rotina de trabalhos anuais, que inclui a participação em reuniões, contagem dos estoques de pirarucu, vigilância nos lagos e filiação à associação de produtores (Amaral et al. 2013). O setor Coraci foi pioneiro, em 2002, na realização dessa modalidade de pesca, na RDS Amanã (Viana et al. 2003).

O manejo participativo de pirarucu, tal como é realizado atualmente na região do médio

¹³ No Coraci é oferecida educação formal até o ensino médio.

¹⁴ Portaria Ibama nº 8, de 2 de fevereiro de 1996.

Solimões, tem raízes na mobilização comunitária promovida pela Igreja Católica desde, ao menos, a década de 1970 (Reis 2005; Peralta 2012). No decorrer da década de 1980, a pressão da pesca comercial de pirarucu impactou os lagos do médio Solimões, já que a espécie estava sendo pescada sem qualquer regulação na área. As comunidades ribeirinhas, cuja economia depende desse pescado, estavam sentindo diretamente os impactos dessa exploração. O Movimento de Preservação de Lagos foi uma coalizão criada entre lideranças comunitárias, movimento de pastoral e outros setores da Prelazia de Tefé. Os comunitários organizaram-se em comitês para guardar os lagos, por meio de vigilância para impedir que os barcos peixeiros entrassem nesses locais. A organização comunitária em torno da preservação de lagos deixou um lastro de práticas coletivas que, na década seguinte, deram condições para o engajamento dos pescadores no projeto de manejo de pirarucu. Atualmente, a produção de pirarucu faz parte do cotidiano dos moradores da região, que passaram a se identificar como ‘manejadores’. É importante frisar que o manejo fez com que o pirarucu entrasse na lógica de mercado, com o viés da sustentabilidade. Se no passado essa pesca era restrita a alguns pescadores, especialistas na captura com arpão, hoje grande parte dos homens adultos dessa região são manejadores e participam

da pesca coletiva. Para além das habilidades para capturar peixes, o manejo requer envolvimento nas reuniões, em levantamento de estoque (contagens), na pesca no lago, em fazer comida nas pescarias, em carregar os pirarucus pescados, dentre outras atividades.

Desse modo, o manejo tornou-se uma alternativa de renda, com implicações sobre a constituição dos ribeirinhos enquanto sujeitos e sobre suas relações com o ambiente de várzea e com o próprio pirarucu. Os sujeitos engajam-se coletivamente na construção de uma nova territorialidade (Little 2002) por meio da conservação dos pirarucus. Os pescadores chamam a área de manejo de ‘nossa reserva’, um território composto por lagos e florestas de várzea, atravessadas por um conjunto de práticas, que vão da proteção dos lagos à pesca dos peixes, passando pela organização do coletivo (Ferreira et al. 2015; Lima & Peralta 2017). A gestão do território é regida por regras que definem quem pode acessar os lagos e pescar, quais lagos são reservados para pesca e quais são para procriação de peixes, distribuição de benefícios etc. (Amaral et al. 2013; Gonçalves 2018).

O envolvimento dos pescadores no manejo significou a criação de uma nova comunidade de práticas relacionada à recente atividade. Os manejadores desenvolveram habilidades e conhecimentos sobre organização coletiva,

contabilidade e a costureira lida com os lagos e peixes. Ao mesmo tempo, a participação no manejo permitiu que pescadores já formados, mas que não dominavam a captura do pirarucu, desenvolvessem essa habilidade, isso fica expresso na narrativa de um pescador, ao ser indagado sobre quando tinha arpoado um pirarucu:

“Colega, eu lembro foi no [lago] Campina, na pesca de manejo. Eu nunca tinha pescado, arpoei até com medo, nunca tinha visto boiar no buraco, mas arpoei o bicho, fiquei animado que só. Era grande. Na época só a carne deu 60 quilos, era grande o bichão. Aí pronto, daí fui aprendendo.” (Castro, comunicação pessoal, 2017).

Os pescadores que não sabiam pescar pirarucu ocuparam a posição de novatos e os mais experientes atuaram como instrutores, efetuando o processo de ensino-aprendizagem em meio ao trabalho com o pirarucu. Esse exemplo mostra que o processo de aprendizagem é contínuo no decorrer da vida da pessoa, não se limitando à infância.

A territorialidade construída a partir do manejo sustentável, em certa medida, modifica as relações de produção anteriores, mais voltadas ao âmbito doméstico e com uma divisão sexual do trabalho mais rígida. O manejo sustentável estabelece comunidades de práticas mais amplas¹⁵ – englobando grupos de pescadores e suas famílias na prática coletiva de manejo do território.

5. CONCLUSÃO

Neste artigo procuramos mostrar as atividades que compõem o processo de formação de um pescador, identificando diferentes etapas associadas a diferentes momentos da vida. Dividimos em quatro estágios o percurso de aprendizagem na pesca: primeiro, o menino precisa aprender a nadar, ser autônomo na água. Em seguida, ele aprende a se equilibrar na popa da canoa, acompanhando um pescador mais velho. Há comportamentos esperados que ele deve incorporar, como ficar quieto e ter atenção ao ambiente ao redor. Pouco a pouco, o menino integra-se às atividades e acompanha seus parentes nas pescarias, acumulando experiências e elaborando suas habilidades. Depois ele começa a aprender a manipular os apetrechos, como caniços, malhadeiras e zagaias. A última etapa, que faz do rapaz um pescador autônomo, é quando ele adquire sua própria canoa e seus próprios apetrechos, e passa a pescar por conta própria. O percurso de formação do pescador é um processo de incorporação (*embodiment*, cf. Ingold 2000) de disposições próprias do sujeito pescador, como manipular apetrechos, saber ver e ouvir os peixes no lago, e produzir o peixe que alimenta a família.

Abordamos aqui o caso de comunidades ribeirinhas que habitam uma Unidade de

15 As práticas do manejo sustentável foram descritas em detalhe por Gonçalves (2018).

Conservação e participam de projetos de conservação, como o manejo de pirarucu. Os processos de aprendizagem que estudamos dependem da duração da relação entre um grupo social em determinada paisagem, para que ele possa ser reproduzido e atualizado. Os territórios de conservação, garantidos por Unidades de Conservação de Uso Sustentável, caso da RDS Amanã, permitem que grupos como os ribeirinhos iniciem as novas gerações em atividades de manejo do ambiente que requerem o desenvolvimento de habilidades especializadas.

Tais processos continuam a se reproduzir porque a existência e o acesso ao território permitem a construção das ‘disposições para ação’ ao longo dos ciclos de vida dos sujeitos. Um menino que não participou da comunidade de práticas da pesca e, portanto, não teve acesso adequado a modos de desenvolver sua disposição para ação no ambiente dos lagos, dificilmente se

tornará um pescador com um vínculo territorial efetivo para manter e reproduzir a territorialidade ribeirinha.

Corpos e paisagens se desenvolvem mutuamente a partir do engajamento. Um processo de constituição do ‘ser-no-mundo’. O corpo é a forma na qual uma criatura está presente como um ‘ser-no-mundo’ (Ingold 2000), mundo que se apresenta na forma de paisagem. Nesse sentido, como afirma Escobar (2010), o direito a ‘ser-no-mundo’ só se realizaria com a afirmação do direito ao espaço para ser (o território) e do direito à autonomia para ser (a participação). A participação na comunidade de práticas possibilita que o sujeito desenvolva sua ‘capacidade afetiva’ para continuar reproduzindo o modo de vida a partir dessa territorialidade. Apenas a partir da afirmação do direito ao território, há também o reconhecimento político do direito a um espaço para desenvolvimento de corpos e paisagens.

REFERÊNCIAS

- Ayres, José Márcio et al. 2005. *Os corredores ecológicos das florestas tropicais do Brasil*. Belém: Sociedade Civil Mamirauá.
- Ayres, José Mércio. 2006. *As matas de várzea do Mamirauá: médio rio Solimões*. Belém: Sociedade Civil Mamirauá.
- Alencar, Edna, Souza, Isabel, e Gonçalves, Ana Cláudia. 2014. Questões de gênero em projetos de manejo de recursos pesqueiros nas Reservas de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá e Amanã, Amazonas, in *Pesca, Turismo e Meio Ambiente*. Organizado por Leitão, Rosário Andrade, pp. 123-144. Recife: EDUFRPE.
- Alencar, Edna, Palheta, Sandra, e Souza, Isabel. 2015. Trabalho na Pesca, ação política e identidade: as mulheres da Colônia de Pescadores Z-32 de Maraã, Amazonas, in *Aqui estamos nós: entre as águas dos mares, nas águas dos rios, nas terras de trabalho na pesca artesanal*. Editado por Scherer, Elenise, pp. 40-51. Rio de Janeiro: Garamond.
- Amaral, Ellen et al. 2013. Principales acciones y lecciones aprendidas con la gestión participativa del paiche de Mamirauá, in *Hacia el manejo de las pesquerías en la cuenca amazónica perspectivas transfronterizas*. Editado por Collado, Luis, Castro, Edgardo, e Hidalgo, Max. pp. 101-115. Lima: Instituto del bien común.
- Braga, Gustavo, Fiuza, Ana Louise, e Remoaldo, Paula. 2017. O conceito de modo de vida: entre traduções, definições e discussões. *Sociologias* 19(45): 370-396. <https://doi.org/10.1590/15174522-019004521>.
- Brasil. *Instrução Normativa nº 34, 18 de junho de 2004*. Estabelece normas gerais para o exercício da pesca do pirarucu (*Arapaima gigas*) na Bacia Hidrográfica do Rio Amazonas. Brasília: Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.
- Bourdieu, Pierre. 1977. *Outline of a Theory of Practice*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Bourdieu, Pierre. 1989. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil.
- Carneiro da Cunha, Manuela, Almeida, Mauro William Barbosa de. 2002. *Enciclopédia da Floresta*. pp. 18-30. São Paulo: Companhia das Letras.

- Carvalho, Isabel, Steil, Carlos Alberto. 2012. O pensamento ecológico de Tim Ingold. *Anuário de Antropología Social y Cultural en Uruguay* 10: 239-241. https://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/8681/2/O_pensamento_ecologico_de_Tim_Ingold.pdf.
- Escobar, Arturo. 2010. *Territorios de diferencia: lugar, movimiento, vida, redes*. Popayán: Envión.
- Ferreira, José Cândido, Peralta, Nelissa, e Costa, Rafael Barbi. 2015. “Nossa reserva”: redes e interações entre peixes e pescadores no Médio rio Solimões”. *Amazônica – Revista de Antropologia* 7(1): 158-185. <http://dx.doi.org/10.18542/amazonica.v7i1.2155>.
- Furtado, Lourdes. 1993. *Pescadores do rio Amazonas: um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi.
- Gibson, James. 1979. *The ecological approach to visual perception*. Boston: Houghton Mifflin.
- Gonçalves, Ana Cláudia. 2018. Os conhecimentos tradicionais nas práticas de manejo de pirarucu (*Arapaima gigas*) no médio Solimões, Amazonas, Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade do Estado do Amazonas, Tefé.
- Ingold, Tim. 2000. *The Perception of the Environment: essays on livelihood, dwelling and skill*. New York: Routledge.
- Ingold, Tim. 2010. Da transmissão de representações à educação da atenção. *Educação* 33: 6-25. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/faced/article/view/6777>.
- Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá. 2018. *Sistema de Monitoramento Demográfico e Econômico/SIMDE*. Tefé: IDSM.
- Lave, Jean. 2015. Aprendizagem como/na prática. *Horizontes Antropológicos* 21(44): 37-47. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832015000200003>.
- Lave, Jean, Wenger, Etienne. 1991. *Situated learning: legitimate peripheral participation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Lima, Deborah de Magalhães, Peralta, Nelissa. 2017. Developing Sustainability in the Brazilian Amazon: Twenty Years of History in the Mamirauá and Amanã Reserves. *Journal of Latin American Studies* 49(4): 799-827. <https://doi.org/10.1017/S0022216X17000414>.

- Little, Paul. 2002. Territórios Sociais e Povos Tradicionais no Brasil: Por uma Antropologia da Territorialidade. *Anuário Antropológico* 28(1): 251-290. <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7433387.pdf>.
- Oliveira, Ronisson de Souza, Peralta, Nelissa. 2020. “O rio comanda a vida”: aprendizagem do nado em uma comunidade ribeirinha do Amazonas. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud* 18(1): 1-27. <https://doi.org/10.11600/1692715x.18104>.
- Pelisser, Catherine. 1991. The Anthropology of Teaching and Learning. *Annual Review of Anthropology* 20: 75-95. <https://doi.org/10.1146/annurev.an.20.100191.000451>.
- Peralta, Nelissa. 2012. “Toda ação de conservação precisa ser aceita pela sociedade”: manejo participativo em reserva de desenvolvimento sustentável. Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- Poole, Fitz John. 2007. Socialization, enculturation, and the development of personal identity, in *Companion Encyclopedia of Anthropology*. Editado por Tim Ingold, pp. 831-860. Londres: Routledge.
- Queiroz, Helder, Sardinha, Arluce. 1999. A preservação e o uso sustentado dos pirarucus em Mamirauá, in *Estratégias para manejo de recursos pesqueiros em Mamirauá*. Editado por Helder Queiroz e William Crampton, pp. 108-141. Brasília: Sociedade Civil Mamirauá, CNPq, MCT.
- Ramalho, Cristiano. 2011. O sentir dos sentidos dos pescadores artesanais. *Revista de Antropologia* 54 (1): 315-352. <https://www.jstor.org/stable/41825786>.
- Ramalho, Emiliano, et al. 2009. Ciclo hidrológico nos ambientes de várzea da Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá-médio rio Solimões, período de 1990 a 2008. *Uakari* 5: 61-87. <https://mamiraua.org.br/documentos/6a017c197d4a436588089fed01277eec.pdf>.
- Reis, Marise. 2005. *Arengas e picicas: reações populares à Reserva de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá no estado do Amazonas*. Belém: Sociedade Civil Mamirauá.
- Santos, Lucimara dos. 2017. *Etnoecologia de peixes do lago Tefé, Amazonas, Brasil, a partir de pescadores locais*. Trabalho de conclusão de curso, Centro de Estudos Superiores de Tefé, Universidade do Estado do Amazonas, Tefé.
- Sautchuk, Carlos. 2007. O arpão e o anzol: técnica e pessoa no estuário do Amazonas. Tese de doutorado, Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, Brasília.

- Sautchuk, Carlos. 2015. Aprendizagem como gênese: prática, *skill* e individuação. *Horizontes Antropológicos* 21(44): 109-139. <https://doi.org/10.1590/s0104-71832015000200006>.
- Sautchuk, Carlos, Sautchuk, João Miguel. 2014. Enfrentando poetas, perseguindo peixes: sobre etnografias e engajamentos. *Mana* 20(3): 575-602. <https://doi.org/10.1590/S0104-93132014000300006>.
- Scoones, Ian. 1998. Sustainable Rural Livelihoods: A Framework for Analysis. *IDS Working Paper* 72. Brighton: IDS. <https://opendocs.ids.ac.uk/opendocs/handle/20.500.12413/3390>.
- Setton, Maria da Graça. 2002. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu. *Revista Brasileira de Educação* 20: 60-74. <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000200005>.
- Silva, Regina Coeli. 2011. A teoria da pessoa de Tim Ingold: mudança ou continuidade nas representações ocidentais e nos conceitos antropológicos? *Horizontes Antropológicos* 17 (35): 357-389. <https://doi.org/10.1590/S0104-71832011000100012>.
- Sousa, Marília, 2017. Teçumes e Teçumeiras: Etnografia da Construção de Identidade Política das Artesãs da RDS Amanã. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Amazonas, Manaus.
- Sousa, Marília, Bezerra et al. 2017. Teçume d'Amazônia: fortalecimento político das mulheres produzindo vitalidade de conhecimentos tradicionais. *Amazônica-Revista de Antropologia* 8(2): 310-340. <http://dx.doi.org/10.18542/amazonica.v8i2.5046>.
- Stradelli, Ermanno. 1929. Vocabularios da lingua geral portuguez-nheêngatú e nheêngatú-portuguez, precedidos de um esboço de Grammatica nheênga-umbuê-sáua miri e seguidos de contos em lingua geral nheêngatú poranduaa. *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro* 104 (158): 9-768. http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Astradelli-1929-vocabularios/stradelli_1929_vocabularios.pdf.
- Viana, João Paulo, Damasceno, José Maria, e Castello, Leandro. 2003. Desarrollo de la pesca comunitaria en la Reserva de Desarrollo Sostenible Mamirauá, in *Fauna Socializada, Tendencias en el manejo participativo de la fauna en América Latina*. Editado por Campos Roza, Claudia, Ulloa, Astrid, pp. 335-351. Bogotá: Fundación Natura/MacArthur Foundation/Instituto Colombiano de Antropología e Historia.